

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS – UEMA
DEPARTAMENTO DE LETRAS PORTUGUÊS E LITERATURAS

DAVI ALVES DA SILVA

**A LITERATURA MARGINAL NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Caxias, Universidade Estadual do Maranhão (Uema campus-Caxias), como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Maria Evelta Santos de Oliveira

Caxias – MA
2025

DAVI ALVES DA SILVA

**A LITERATURA MARGINAL NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Caxias, Universidade Estadual do Maranhão (Uema campus-Caxias), como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Maria Evelta Santos de Oliveira

Aprovado em: 15 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARIA EVELTA SANTOS DE OLIVEIRA**
Data: 09/01/2026 10:35:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof.^a Dra. Maria Evelta Santos de Oliveira (Orientadora) (UEMA-CAMPUS
CAXIAS)**

Documento assinado digitalmente
 **ELIZEU ARRUDA DE SOUSA**
Data: 10/01/2026 12:40:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Elizeu Arruda de Sousa (UEMA-CAMPUS CAXIAS)

Documento assinado digitalmente
 **VILMA RODRIGUES MASCARENHAS**
Data: 09/01/2026 13:21:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Me. Vilma Rodrigues Mascarenhas (UEMA-CAMPUS CAXIAS)

**Caxias – MA
2025**

S586l Silva, Davi Alves da

A literatura marginal na obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus / Davi Alves da Silva. _Caxias: Campus Caxias, 2025.

43f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^ª. Dra. Maria Evelta Santos de Oliveira.

1. Quarto de Despejo. 2. Literatura marginal. 3. Desigualdade social. 4. Exclusão social. I. Título.

CDU 82.09

Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força e saúde durante toda essa caminhada. Agradeço também à minha mãe, pelo apoio, paciência e incentivo nos momentos mais desafiadores.

Agradeço à minha prima Suely pelo apoio e incentivo ao longo desta caminhada, cuja presença contribuiu de forma significativa para a realização deste trabalho.

Agradeço ao Delmar Neto e minha tia Maria do livramento pelo apoio constante, incentivo e dedicação, fundamentais para a realização deste trabalho. À professora e orientadora Maria Evelta Santos, que compartilharam conhecimento e orientações essenciais para a construção deste trabalho. À professora da disciplina de Produção Acadêmico-Científica, Marinalva Aguiar, que, pacientemente, contribuiu na construção deste projeto e a todos os professores que estiveram nessa caminhada.

Também, a todos que fazem parte do corpo docente da UEMA, pelos anos de conhecimento repassados. E aos meus colegas, em especial, Raimunda Lira, Luziane Santos, Denílson Santos, Valdirene e Kelly Marinho que compartilhei, momentos ao longo do meu percurso.

E, por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta e indireta para que este TCC se tornasse possível, deixo minha sincera gratidão.

“Para realizar grandes conquistas, conquistas, devemos não apenas agir, mas também sonhar; não apenas planejar, mas também acreditar.”

(Anatole France)

RESUMO

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada 1960, de Carolina Maria de Jesus, é uma obra fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais brasileiras do século XX, especialmente no que diz respeito à desigualdade, à marginalização e à vida nas favelas urbanas. Para isto a pesquisa tem como tema: A Literatura Marginal Na Obra Quarto De Despejo, de Carolina Maria De Jesus, escrito em forma de diário, o livro reúne registros feitos pela autora entre 1950 e 1960, período em que vivia no Canindé, uma das maiores favelas de São Paulo. A partir de uma perspectiva íntima e profundamente humanizada, Carolina narra os acontecimentos do cotidiano que marcaram sua vida e a de seus vizinhos, revelando a rotina de fome, falta de saneamento, preconceito e violência que estrutura o ambiente da favela. O impacto da obra foi imediato e significativo, o livro chamou atenção da sociedade brasileira para a realidade das favelas e consolidou Carolina como uma das vozes mais potentes e originais da literatura nacional. Até hoje, *Quarto de Despejo* permanece atual, tanto por sua força estética quanto por sua contribuição para debates sobre pobreza, racismo, desigualdade, resistência e cidadania. A presente monografia tem por objetivo analisar como manifestação da literatura marginal, destacando seus aspectos de denúncia social e resistência feminina frente à exclusão vivida nas periferias urbanas brasileiras nas décadas de 1950 e 1960. O presente estudo trata-se de uma pesquisa do tipo revisão integrativa da literatura. Este procedimento foi selecionado por possibilitar a síntese e análise do conhecimento bibliográfico já produzido sobre o referido tema. Este trabalho tem como fundamentação teórica as obras de Amorim e Frazão (2019), Hollanda (2004), Ventura (1988). Para Oliveira (2011), entre outros autores que contribuíram para a construção do corpus deste estudo. A escrita de Carolina Maria de Jesus segue essencial, inspirando e mobilizando quem busca compreender e transformar a realidade social.

Palavras chaves: Quarto de Despejo; literatura marginal; desigualdade social; exclusão social; voz feminina.

ABSTRACT

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (1960), by Carolina Maria de Jesus, is a fundamental work for understanding the social dynamics of twentieth-century Brazil, especially regarding inequality, marginalization, and life in urban slums. For this purpose, the research has as its theme: Marginal Literature in the Work Quarto de Despejo, by Carolina Maria de Jesus. Written in diary form, the book brings together records made by the author between 1950 and 1960, a period in which she lived in Canindé, one of the largest favelas in São Paulo. From an intimate and deeply human perspective, Carolina narrates the everyday events that marked her life and that of her neighbors, revealing the routine of hunger, lack of sanitation, prejudice, and violence that structures the favela environment. The impact of the work was immediate and significant; the book drew the attention of Brazilian society to the reality of the favelas and established Carolina as one of the most powerful and original voices in national literature. To this day, Quarto de Despejo remains current, both for its aesthetic strength and for its contribution to debates on poverty, racism, inequality, resistance, and citizenship. This monograph aims to analyze it as a manifestation of marginal literature, highlighting its aspects of social denunciation and female resistance in the face of exclusion experienced in Brazilian urban peripheries in the 1950s and 1960s. The present study is an integrative literature review. This procedure was selected because it enables the synthesis and analysis of the bibliographic knowledge already produced on the theme. This work is theoretically based on the studies of Amorim and Frazão (2019), Hollanda (2004), Ventura (1988), Oliveira (2011), among other authors who contributed to the construction of the corpus of this study. Carolina Maria de Jesus's writing remains essential, inspiring and mobilizing those who seek to understand and transform social reality.

Keywords: Quarto de Despejo; marginal literature; social inequality; social exclusion; female voice.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Contextualização da Literatura Marginal no Brasil.....	12
2.1 Características da Leitura Marginal.....	14
2.2 Literatura de autoria negra nas décadas de 1950 – 1960	17
3. A Relevância Social e Literária da Obra Quarto de	20
3.1 Biografia de Carolina Maria de Jesus.....	24
3.2 A pobreza desnuda em Quarto de Despejo	26
4. CAROLINA MARIA DE JESUS: de mulher favelada autora.....	28
4.1 A Saída Da Favela.....	32
4.2 Do declínio a morte de Carolina Maria de Jesus.....	37
5. Conclusão.....	40
6. Referências	41

1. INTRODUÇÃO

A literatura marginal é um fenômeno que emerge das vozes silenciadas e dos relatos de vidas que se desenrolam à margem da sociedade, este gênero literário se destaca por dar espaço a narrativas que refletem as realidades de grupos sociais historicamente marginalizados, como os moradores de favelas, pessoas em situação de pobreza e minorias étnicas.

Nesse contexto, a obra *Quarto de Despejo*, escrita por Carolina Maria de Jesus, se configura como um marco importante na literatura brasileira, pelo seu conteúdo contundente e realista e pela forma como consegue expressar sua vivência em meio à adversidade.

A obra se destaca pelo uso de uma linguagem simples e acessível, que reflete a oralidade e a vivência da autora. Carolina utiliza sua prosa para articular suas frustrações, esperanças e reflexões sobre as condições humanas. Assim, *Quarto de Despejo* vai além do simples relato pessoal; ele se torna um grito coletivo que ecoa as vozes daqueles que são frequentemente ignorados pelas estruturas sociais dominantes. A literatura marginal, portanto, documenta a realidade das classes populares, desafiando as narrativas hegemônicas que tendem a silenciar essas vozes.

Além disso, o livro oferece uma perspectiva feminista ao abordar as questões relacionadas ao papel da mulher na sociedade. A escritora não só narra suas dificuldades financeiras e sociais, mas também discute as dinâmicas familiares e as expectativas impostas às mulheres na sociedade patriarcal. Sua luta por dignidade e autonomia ressoa com o movimento feminista contemporâneo, que busca visibilizar as experiências das mulheres marginalizadas. Nesse sentido, o livro se torna uma obra fundamental para compreender a interseção entre classe social e gênero na literatura brasileira.

Quarto de Despejo, não é apenas uma obra literária, é um testemunho poderoso das dificuldades enfrentadas por aqueles que vivem à margem da sociedade brasileira. A literatura marginal representada por Carolina Maria de Jesus desafia os leitores a confrontarem suas próprias percepções sobre pobreza, gênero e identidade social. Por meio deste estudo sobre sua obra, podemos aprofundar nossa compreensão das complexidades do Brasil contemporâneo e reconhecer a importância das vozes marginalizadas na construção do nosso imaginário literário.

A relevância da literatura marginal, especialmente nessa obra, a escritora relata a sua capacidade de transcender a realidade. Ao escrever sobre suas

experiências, a autora elabora um relato da sua vida cotidiana, em que propõe uma reflexão crítica sobre a sociedade e sua desigualdade. Através de sua escrita, Carolina desafia as percepções e um olhar sobre a vida nas favelas, revelando uma complexidade emocional e social que frequentemente é ignorada por grupos privilegiados. Sua obra é um convite à empatia e à compreensão das realidades imposta, despertando no leitor uma consciência social que muitas vezes é abandonada.

A literatura marginal busca representar as vozes daqueles que estão à margem da sociedade, e Carolina Maria de Jesus se destaca por sua autenticidade. A obra traz as dificuldades enfrentadas pela população pobre. Sua escrita é um testemunho das condições desumanas em que viveu, incluindo a fome, a miséria e a luta pela sobrevivência. Ao compartilhar suas experiências pessoais, Carolina não apenas dá voz a si mesma, mas também a milhares de pessoas que vivem em situações semelhantes. Essa representatividade é fundamental para a literatura marginal, pois permite que leitores compreendam realidades muitas vezes ignoradas pela sociedade.

A escolha da obra de Carolina Maria de Jesus para leitura e análise se efetiva pela importância e contribuição que o livro e a autora possuem para a sociedade. Carolina foi uma das primeiras escritoras a dar voz às mulheres negras da periferia, residentes em lugar marginalizado, como as favelas de São Paulo. Sua obra reconhece a importância das narrativas que emergem das experiências marginalizadas, trazendo à tona realidades muitas vezes ignoradas pela literatura tradicional. O livro *Quarto de despejo*, publicado em 1960, é um testemunho das condições sociais da época que promovem uma reflexão sobre a pobreza e a desigualdade e lutas enfrentadas pelos favelados.

Essa forma direta de escrita é uma característica importante da literatura marginal, que rejeita os padrões acadêmicos em favor de uma expressão autêntica das vivências dos marginalizados. Além disso, a obra é um testemunho poderoso da literatura marginal brasileira e do papel crucial que ela desempenha na visibilidade das vozes periféricas. Através da obra de Carolina Maria de Jesus, podemos compreender as realidades difíceis enfrentadas pelas classes populares no Brasil do século XX, além de refletir sobre questões sociais que ainda permanecem relevantes hoje. A representatividade, a crítica social e o estilo literário autêntico presentes na obra são elementos fundamentais que justificam sua inclusão na discussão sobre a literatura marginal e seu impacto na sociedade.

A principal motivação para sustentar o presente projeto reside na importância que o tema possui como representatividade, crítica social e

visibilidade que sofrem as comunidades marginalizadas. Acredita-se que ao estudar e debater a influência mútua sobre o tema: A literatura marginal na obra *quarto de despejo*, de Carolina Maria De Jesus aprofundamos a compreensão de novos pensamentos. Essas informações geraram as seguintes questões norteadoras: Quais as principais características da literatura marginal presentes na obra *Quarto do despejo*? De que maneiras, a obra de Carolina Maria de Jesus aborda questões sociais e políticas? De que forma a obra de Carolina Maria De Jesus desafia as normas literárias convencionais?

Dessa maneira define-se a seguinte problemática: apesar do crescimento urbano e da industrialização no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, a expansão das favelas evidenciou a desigualdade social e a exclusão das classes populares. Nesse contexto, a trajetória da vida e obra da escritora Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre e favelada, suscita reflexões importantes, que delineiam o seguinte problema: Em que medida a obra da autora, intitulada *Quarto de despejo*, dialoga com a literatura marginal, tornando-se um documento social que denuncia a negligência estatal e a exclusão das populações periféricas?

Reforçando um olhar em diferente contexto em relação a esse grupo social, objetivou-se, de forma geral, analisar a obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, como manifestação da literatura marginal, destacando seus aspectos de denúncia social e resistência feminina frente à exclusão vivida nas periferias urbanas brasileiras nas décadas de 1950 e 1960. E de forma específica, tem-se os objetivos: investigar como as condições socioeconômicas do Brasil nas décadas de 1950 e 1960 influenciaram a vida e a produção literária de Carolina Maria de Jesus, com destaque a seu papel como voz marginalizada na literatura brasileira; destacar os aspectos pertencentes à literatura marginal na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus; analisar a representação da mulher negra, pobre e periférica na obra e seus desafios em uma sociedade excludente e patriarcal.

Nessa perspectiva, este estudo se configura como uma pesquisa do tipo bibliográfica de abordagem qualitativa. Este procedimento foi selecionado por possibilitar a síntese e análise do conhecimento bibliográfico já produzido sobre o tema: A literatura marginal na obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria De Jesus. Os autores que subsidiaram o estudo em pauta foram Moreno (2022) e Vieira (2008) e Philippe Lejeune (2014) dentre outros que destacam a importância da literatura marginal; enfatiza-se que o livro de Carolina dá voz a uma mulher negra e pobre em um contexto social frequentemente marginalizado.

Para alcançar os objetivos, este estudo está estruturado em dois capítulos:

Contextualização da Literatura Marginal no Brasil, A Relevância Social e Literária da Obra *Quarto de Despejo*, subdividido em dois subtópicos: Características da leitura marginal, Literatura de autoria negra nas décadas de 1950 – 1960, Biografia de Carolina Maria de Jesus, a pobreza em o *Quarto de despejo*.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL NO BRASIL

A literatura marginal brasileira possui diversas ramificações, pelas quais em seu movimento artístico e literário surgiram na década de 1970 em meados da ditadura militar, caracterizando-se a produção independente da linguagem coloquial expressiva destacando as vozes periféricas, valorizando a identidade, autores excluídos e questionando padrões sociais.

Segundo Amorim e Frazão (2019), o conceito de marginalidade vai além da ideia difundida pela geração interligada ao mimeógrafo, que, em meio à censura e à violência instaurada por ditadores militares, promoveram subsídios aos acontecimentos culturais protagonizados por diversos artistas, personagens intelectuais que influenciaram a classe média, mantendo o acesso à cultura social letrada.

Os autores caracterizam as especificidades da marginalidade literária brasileira do século XX como sendo:

Poesias mimeografadas que refletiram a atitude de inconformismo social e um modelo de vida influenciado por tendências hippies, pelo rock, pela psicodelia, pela liberdade sexual e pelas drogas, que qualificam a oposição aos padrões comportamentais sociais vigentes na época e o ser “alternativo”. Entretanto o termo “marginal” já havia sido utilizado anteriormente na literatura em relação a autores como Maria Carolina de Jesus, João Antônio, Lima Barreto e outros” (Amorim; Frazão, 2019, p. 3).

Conforme Hollanda (2004), autores marginais não obtinham condições suficientes para manobrar suas obras e nem tampouco o apoio de editoras brasileiras de grande importância em 1970, prejudicando o acesso e a circulação de obras que se tornaram importantes no decorrer dos anos, a baixo custo, prejudicando a comercialização, não obtendo reconhecimento preciso. A dificuldade na produção para obter reconhecimento é perceptível para a literatura brasileira.

De acordo com Reimão (2014), em um ato corajoso e claro de resistência ao governo militar em 1966, a editora responsável pela Civilização Brasileira ordenou mandados para a segurança pública, trazendo questionamentos contra o Departamento Federal, confiscando livros, decretando censura imediata. “Embora

espaços do universo dos livros, editoras, livrarias fossem alvos de vandalismo de direita, não houve, nos primeiros anos após o golpe militar de 1964, a estruturação de um sistema único de censura a livros” (Reimão, 2014). Para o referido autor:

Na segunda metade da década de 1970, escritores, editores, intelectuais, artistas, cientistas, professores começaram a mobilizar-se para resistir e protestar contra os desmandos e arbítrios de um regime autoritário. Essa resistência da sociedade aos atos autoritários do governo de então culminou com várias demonstrações e atos públicos de repúdio ao autoritarismo. No que diz respeito às manifestações pelas liberdades no âmbito das produções culturais destaca-se o Manifesto dos 1046 intelectuais contra a censura, entregue ao ministro da Justiça em Brasília, em 25 de janeiro de 1977, por uma comissão composta por Hélio Silva, Lygia Fagundes Telles, Nélida Pinón e Jefferson Ribeiro de Andrade (Reimão, 2011, p. 76-77).

A justiça de transição reversa é ligada inteiramente à responsabilização de memórias a um todo, erguendo a democratização para sustento da implementação da justiça de transição. No Brasil, com a recriação da comissão de mortos aliada a também comissão de anistia a reparação e pedido de perdão do estado na colocação a nível de heróis numa medida de responsabilizar a criminalização dos demais envolvidos e mentores das ações relacionadas à ditadura militar de 1964

Segundo Ventura (1988), as manifestações públicas em grande massa ocorridas no Rio de Janeiro contra o regime militar antecederam a arbitrariedade do decreto AI 5 Manifestações culturais e censura de fevereiro de 1968 reunindo grandes nomes e membros de classes sociais do teatro brasileiro, manifestaram indignação contra a uma possível proibição da encenação de oito peças que mais tarde ficaria conhecida nacionalmente como “A passeata dos cem mil”.

De acordo com Silva (1989), um levantamento realizado sob a égide do mecanismo e funcionamento da censura no Brasil era de outra ordem, textos teatrais de autoria nacional sofreram penalidades severas ao terem suas obras censuradas, tais como: *Maria da Ponte*, de Guilherme Figueiredo; *rasga coração*, de Edvaldo Vianna Filho; *Canteiro de obras e o belo burguês*, de Pedro Porfírio; *Quarto de empregada*, de Roberto Freire e *as peças Abajur lilás e Barrela*, de Plínio Marcos. No item a seguir serão destacadas as características relacionadas à contextualização da leitura marginal, aspectos e abordagens da importância da leitura periférica no Brasil.

2.1 Características da leitura marginal

A poesia marginal foi ganhando novos contornos por volta dos anos de 1970, mas, a partir da década de 90, foi ganhando maior notoriedade, chamando-se

de literatura/leitura marginal periférica, um manifesto para dar voz à sociedade que vivia à margem da censura, e por meio da arte de autores teatrais acabavam por reivindicar ações e protestos dos vários problemas sociais que o Brasil enfrentava.

Para Oliveira (2011), o vocabulário periférico viabiliza não somente a diversidade, mas traz consigo a significação da linha que define o respeito e o limite que existe de uma superfície a outra, portanto, configurando o espaço ou objeto. “Os retoques, os retoques, sejam nas águas sagradas, me banha, me rega, me rege, terra firme que me regenera, transforma minha fúria em fuligem, enterra por aí minhas sentenças (Sérgio Vaz, 2013).

Segundo a estudiosa social Nascimento (2009), as definições utilizadas para a literatura marginal dos escritos periféricos e a nova linhagem de escritores da geração atual de escritores marginais reforçam a leitura setentista, e na linguagem literária marginal sua aplicação se dá para o uso do contexto contemporâneo.

“A partir dos anos 1990, remete a três significados apontados pela estudiosa: 1. a “produção de escritores oriundos de espaços marginais”, configurando a autorrepresentação, 2. a “textos que exploram como temas a violência, a pobreza, as carências culturais e sociais, o cotidiano dos presídios etc.”, construindo uma nova vertente chamada de “literatura urbana” ou “literatura da violência” que independe da condição de marginalidade do autor e 3. a “obras produzidas por contraventores e que narram as vivências de seus autores na criminalidade e nas prisões” (Nascimento, 2009, p. 150).

Segundo Camargo (2001), o texto marginal manifesta significado na literatura brasileira, atestando distanciamento da oralidade exotizada do eu pobre, ou seja, construindo discursos que imitam e desfavorecem a estigmatização do manual prático do ódio, transcrevendo registros orais que passam por outro patamar. “Está em jogo o empoderamento do narrador da periferia, cujo discurso está repleto de gírias e expressões locais, comumente apontadas pelos críticos como elementos que o unem inexoravelmente ao território” (Carneiro, 2004).

É importante ressaltar a importância e a diferença entre as linguagens dos personagens retratados à margem de uma cena cinematográfica, cujo narrador periférico traz em suas falas repletas de gírias:

Régis colocou o copo com caldo de cana vagorosamente no balcão da barraca e antes de ir olhou para a blusa de Nego Duda, tentou notar algum volume, não viu e foi para o canto, mas precavido fingiu que ia coçar a barriga e colocou a mão no revólver, só tirou a mão quando Nego Duda começou a lhe falar do ocorrido. – O barato é o seguinte, tô com um esquema bom, pra fazer um maluco. Quem que é? – perguntou Régis colocando a mão dentro da cintura novamente, com o temor de Nego Duda falar que era ele, se fosse esse o caso, quem puxasse primeiro

Nascimento (2009) destaca aspectos com abordagens e significados que possibilitam o emprego que fazem com que a linguagem marginal se torne o diferencial de algumas obras que foram construídas a base dos conceitos e na realidade dos personagens que agregam, autenticam a superficialidade das estimativas de demais obras e as carreiras literárias dos atores periféricos e presidiários da época.

A dificuldade de muitos autores periféricos reflete sobre a opressão social que viviam, desde os seus antepassados oriundos da história do Brasil, no qual índios e negros eram totalmente marginalizados e as penalidades sofridas eram severas, protagonizando sofrimento, conseguindo assumir papéis importantes em benefício de território e quando não tinham porta voz para representá-los a sociedade os excluía para as camadas mais baixas impossibilitando legitimando o contato com outras pessoas da civilização (Dalcastagné, 2007).

De acordo com Souza (2014), em diferentes épocas, a literatura se fazia presente na sociedade, mostrando produções que faziam parte da humanidade, na criação de práticas sociais, escritas e principalmente na cultura oral. Contações de histórias em livros destacavam a representação pedagógica como um marco para estimular aprendizagem e crenças filosóficas, sensibilizando exercícios plenos e treinamento para leitura. A leitura é um instrumento dialógico com o caráter de conhecimento lato e sua ausência na formação das pessoas leva a impossibilidade de ampliar conhecimentos que se encontram a cada título que se lê (Souza, 2014, p. 23).

Mediante as experiências sociais entre homens e mulheres por meio de criações literárias, o autor menciona a relação entre as obras e contradições compostas por cada qual:

Relacionamos as obras literárias com o contexto histórico-social e desta maneira pode-se estabelecer parâmetros com uma sociedade que, se por um lado pode ser contra hegemônica, desenvolvendo lutas e superação das desigualdades, por outro pode se relevar uma sociedade alienada, condicionada pelo capital e a exploração do outro para a formação da riqueza de poucos (Sousa, 2014, p. 26).

Na cidade de São Paulo, a influência demarcada pelo local é fundamental para a produção de autores da literatura brasileira. O fenômeno literário marginal ou periférico, assim como movimentos literários, carrega histórias e marcos, ideias, perspectivas de uma população vigente a desigualdade do sistema, excluídos socialmente e expostos as extremidades do trabalho excessivo, sem garantia dos

seus direitos a moradia, alimentação e saúde (Souza,2014).

Segundo Elbe e Lamar (2015), a leitura marginal esteve diretamente associada à cultura do rap, principalmente com uso de melodias grifadas ao break, hip hop, mestre de cerimônias, beat box dentre outros pilares musicais. “Além disso, os representantes dessa geração eram, em sua maioria, provenientes da cidade do Rio de Janeiro, de classe média e alta. No entanto, na década de 1990, a nomenclatura marginal ressurgiu para representar um novo grupo de escritores que eram representantes da própria periferia, principalmente a de São Paulo e tinham como temática a periferia, a cultura do hip hop, os problemas sociais, entre outros” (Matos, 2023, p.242).

O termo marginal foi apropriado por questões sociais no espaço periférico, visando condições sociais dos autores encontrados no limiar literário, através de classificações da literatura, cultivando a cultura negra, folclore popular, marginal, urbana, entre outras (Elbe; Lamar,2023). No trecho a seguir, será abordada a literatura de autoria negra nas décadas de 1950 a 1960, trazendo recortes de gêneros e raça, valorizando a voz negra e sua cultura histórica na literatura brasileira, conquistando o poder que refletem nas suas lutas.

2.2 Literatura de autoria negra nas décadas de 1950 – 1960

A literatura negra aborda não somente a defesa e igualdade racial e a valorização de manifestações de matriz africana, mas refere-se principalmente a inclusão do olhar do autor negro na arte literária e no mercado editorial no país, surgindo as expressões literárias na década de 1940 com articulação de movimentos como teatros experimentais negros (Mencionar de maneira específica o Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento), partindo do pressuposto a produção de autores negros literários brasileiros.

O espaço literário marcado por lutas é distanciado por condições exigidas que abordam obras de autores negros brasileiros, e o maior número deles são mestiços de negros reconhecidos como neutros na literatura, pelas quais as matérias negras brasileiras são eventualmente tratadas (Filho, 2004). As produções literárias negras trazem o sujeito como escritor, mediante a fonte de lutas e trajetórias marcantes a partir da subjetividade negra. Experiências negras brasileiras são diferentes. A literatura africana, sobretudo, na linguagem portuguesa de países ainda em desenvolvimento, empenhava-se para fixar obras literárias angolanas e

moçambicanas.

O autor ressalta a resistência e afirmações das identidades negras literárias na construção de diferentes movimentos as demais formas de manifestação da cultura:

A construção de diferentes movimentos de resistência à ocupação da África pelos europeus, bem como em prol da luta pelos direitos dos negros e contra o racismo dentro e fora da África, teve um papel seminal no surgimento e desenvolvimento de uma literatura engajada e militante na primeira metade do século XX” (Souza, 2013, p. 47).

De acordo com Damato (1983) a negritude foi um movimento constituído por grandes amplitudes, presentes no movimento Europeu demarcavam a América e principalmente na África, seu principal foco central eram as positificações do movimento negro, com base em seus primeiros anos o sentido negro traziam a ideia de orgulho racial, permitindo vínculos as tradições europeias.

A literatura africana transformou-se em arte, com base na construção do movimento e diversidades, na mistura de mitos e histórias recentes, na dimensão mais penosa e crua (Souza, 2013). “Com o tempo, o objetivo do movimento negritude foi ampliado. Além da construção de uma consciência negra, seus adeptos passaram a lutar pela libertação das colônias africanas do jugo europeu. Ultrapassando os marcos tradicionais da literatura, a negritude encampou a luta pela conquista do poder, pela independência dos povos africanos e contra o imperialismo” (SOUZA, 2013, p. 48-49).

De acordo do Souza (2013), a literatura africana na língua portuguesa, apesar de grande dificuldade, suas obras literárias contaram com grandes nomes e vozes que podem ser ouvidas até atualmente. Agostinho Neto, Mia Couto, José Luandino Vieira e Pepetela, grandes contribuintes não somente em escritas, mazelas e sofrimento, mas pioneiros na idealização de sonhos, cultura, beleza e sociabilidade cultural perversa do século XIX.

Os autores salientam a importância das expressões literatura negra com base nos escritores negros com uso da resistência e ao segmento social contra as exclusões impostas pela sociedade:

As expressões “literatura negra”, “poesia negra”, “cultura negra” circularam com maior intensidade na nossa sociedade a partir do momento em que tivemos de enfrentar a questão da nossa identidade cultural. Nesse processo, também tivemos que assumir as contradições acirradas pelo fato de o Brasil querer se ver como “uma cultura mestiça”, “uma democracia racial (Fonseca, 2006, p. 13).

Para Colina (2004), os escritores negros sempre foram preocupados sob ocupar um espaço na literatura brasileira, um cenário cuja coletânea consagre expressivamente a literatura negra, não assumidos pelos participantes do movimento quilombola. A obra *Cadernos negros* discute posições que pertencem ao movimento dos escritores, ganhando força com o “Movimento negritude” na década de 30 na Europa.

Em 1960, o autor Bruno de Menezes publicou em uma de suas obras marcos extraordinários da antologia de poemas *Onze sonetos*, livro de cunho importante fora confeccionado a pedido de grandes representantes do governo paraense, na cidade de Belém do Pará, cujo autor era nascido e criado. Ganhando notoriedade nacional, a obra acabou por fazer parte de premiações e concursos, promovido pela Academia de Letras de Ilhéus no estado baiano, cativando a todos pela riqueza de detalhes em cada página escrita, ganhando em primeiro lugar no concurso de sonetos “Chaves de ouro” (Santos, 2024).

Jesus (2014) sua obra “Quarto do despejo” foi nomeada para demonstrar a invisibilidade social sofrida, denominando a favela como quarto de despejo de uma cidade. “Ao longo do século XX e XXI neste sistema de desigualdade social do neoliberalismo vimos e vemos a multiplicação dos inúmeros “quartos de despejos” e realidade de sobrevida e outras Carolinas de Jesus. Mães negras e solteiras sofrem mais com a falta de saneamento e carência nas casas” (Silva, 2021, p.8).

É por meio da escrita que Carolina Maria de Jesus torna-se sujeito de si mesma, uma vez que põe no papel seus dramas e angústias, seus medos e frustrações; e através dela torna-se sujeito social ao retratar e, ao mesmo tempo, denunciar a pobreza e a miséria presente no “quarto de despejo” a favela do Canindé na qual vivia. A escrita de Carolina é um ato político, ela escreve para sobreviver, para descarregar todo peso que carrega, de mulher, negra, pobre da periferia, atravessada por essa interseccionalidade imposta pelo colonialismo patriarcal e machista (Silva, 2021, p. 78).

Segundo Santos (2024), o autor Bruno de Menezes dedicou suas obras e principalmente sua vida aos estudos culturais, com base em conhecimentos ensinados por sua mãe Maria Albina, sua infância regada de manifestações religiosas, bois bumbás, cordões de pretinhos, pássaros juninos, carimbó, batuques e ladainhas. “Na apresentação do livro *Boi Bumbá - Auto Popular*, redigida pelo próprio autor, é informado que o escrito foi elaborado em 1951, sob o título *A evolução do Boi Bumbá como forma de teatro popular*, sendo uma contribuição da Comissão de Folclore do Pará” (Santos, 2021, p. 49).

O boi bumbá é uma manifestação cultural rica por sua diversidade, heranças afrodescendentes demarcadas pelo teatro popular, fazendo com que o boi bumba se constituísse como representação nas tradições europeias e rural:

Bruno de Menezes, neste estudo, defende o Boi Bumbá como um teatro popular, sendo um auto pastoril de resistência coletiva em transformação, unindo a estrutura familiar lusa com o processo de catequização, com a religiosidade e outras manifestações culturais africanas, a agricultura antiga, a vida rural comum (Santos, 2021, p. 51).

A representação feminina no setor da literatura foi reduzida, a realidade das mulheres escritoras negras era imensamente maior, o processo sofrido, lutas, autorias marginalizadas, reivindicações para destaque literário e dentre outras. (Silva, 2021). “Ainda que sua escrita não escape ao tratamento marginalizante que marca nossa sociedade, a presença das mulheres negras na literatura brasileira, tem despontado com muita força nos últimos tempos, conquistando espaços” (Silva, 2021, p. 77).

3. A Relevância Social e Literária da Obra Quarto de Despejo

No ano de 1960 vinha a público a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, intitulado “*Quarto do despejo – Diário de uma favelada*”, trazendo registros dolorosos de uma mulher negra, favelada, que trabalhava como catadora de lixo e mãe solo. Todo cotidiano de dor e miséria, fome, dificuldades para obter comida e a dificuldade em se relacionar com sua própria existência eram nulas, considerando o total abandono social e principalmente do estado deu-se a narrativa de pequenos relatos, diários da mulher negra com seus filhos vivendo à margem da favela.

No lixo, Carolina encontrava cadernos, livros e revistas que chamavam sua atenção, levando para sua casa, as leituras noturnas em meio ao cansaço extremo eram vorazes, consumindo conhecimento e acolhendo para si o mundo da leitura, o que se tornara mágico dali em diante. A presença do jornalista Audálio Dantas foi de extrema importância na trajetória da autora, sua persistência em saber mais sobre a vida daquela mulher negra, mãe e catadora, trouxe para o mesmo o ápice de uma grande descoberta.

A favela do Canindé foi o local onde a autora Carolina Maria de Jesus viveu com os seus nos anos de 1940 a 1950. Localizada na região central da cidade de São Paulo, pertenceu ao distrito de pari, situada em terreno público, em meandros

do rio Tietê prestes a ser canalizado, a favela Canindé originou-se em 1948 por estímulos da prefeitura municipal de São Paulo.

A área foi concedida para assentamento de famílias desalojadas de terrenos particulares, barracos construídos sob a lama, famílias sofriam diversas dificuldades e carências, sendo assim extinta em 1960 para dar lugar às construções civis. Seus moradores foram transferidos para outras regiões da cidade.

As condições precárias e miseráveis não fizeram com que o jornalista Audálio Dantas deixasse de efetuar seu trabalho, admirando a beleza da escrita da autora, vivendo em uma situação precária e quase semianalfabeta por não ter frequentado a escola por muito tempo, suas linguagens e escritas eram poéticas com fortes marcas, erudição em trechos e partituras presentes no diário. “Por ela ter um vocabulário erudito e uma boa dialética, destacou-se naquele ambiente, registrando os fatos de forma ativa, pois essas características são bem diferentes das que permeiam seus personagens, tornando-a especial” (Moreno, 2022, p. 23).

A autora destaca preconceitos sofridos por Carolina Maria de Jesus por seu estilo linguístico, estética visando a escrita e estilo na liberdade de expressão na obra:

Mesmo com todo sucesso de seus relatos e seu trabalho, a autora sofreu com acusações de farsa, pois os críticos da época não aceitavam o seu estilo linguístico, pois esse estilo era muito peculiar e seus escritos feitos em primeira pessoa, despertou a atenção de muitos, os quais duvidavam da sua capacidade de escrever, devido os estudos que tinha adquirido (Moreno, 2022, p. 26).

Segundo Moreno (2022), os escritos do diário da autora serviam como desabafo, destrinchando em cada linha a fome, miséria e a escassez pela permanência em um lugar marginalizado pelo poder público, apagando a sociedade marginalizada na comunidade de Canindé. “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças” (Jesus, 2014, p. 29).

Para Jesus (2014), só é possível saber a dor do próximo, quando também se passa a suportar da mesma dor, portanto, a vida e a fome ensinam e exercem funções para ensinar a igualdade e os direitos fundamentais básicos à população. “O estilo utilizado por Carolina em seus relatos dentro do Diário do Quarto do Despejo é considerado por Ricardo Alexino Ferreira (professor da USP- São Paulo) como uma escrita “direta, nua e crua, mas, ao mesmo tempo, suave” (Moreno, 2022, p. 34).

A veracidade dos fatos relata e declara evidências de uma realidade

esquecida visto que:

Essa nova forma da Literatura Brasileira, adquirida por meio da vida real na qual Carolina foi a ponte entre o sistema social e a realidade esquecida, passou a ter uma visão e um respeito maior pelo mundo. Pois as mensagens ali transcritas eram de forma clara, simples e compreensiva que encantou quem as liam, mesmo sendo de forma semianalfabeta, encantava pelas suas metáforas citadas no texto” (Moreno, 2022, p. 35).

Carolina escrevia como quem grita, escrevia porque não havia mais ninguém para contar o que havia em becos, ruas de terra, na pele de quem era reduzido as estatísticas. Ela escrevia porque viver na favela era uma morte contínua escolhendo reviver por suas palavras. Uma mulher negra não tinha lugar na literatura, negra, pobre, catadora de papel e mãe solo, nada em sua biografia encaixava no que o cânone costumava celebrar, foi exatamente por isso que se tornou imortalizada por sua escrita, não pedia licença, invadia como a fome e o desespero, como a realidade que ninguém queria ver. “Esses retratos da desigualdade, da pobreza e da fome eram denunciados pela Carolina de Jesus, sobretudo a necessidade de conseguir ossos, por causa do encarecimento dos alimentos” (Carvalho, 2022, p. 193).

Em termos discursivos, nota-se a linguagem usada pela autora em seus relatos, linguagem simples e informal evidenciadas em seu diário:

17 de maio: Levantei-me nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava descontente que até cheguei a brigar com o meu. filho José Carlos sem motivo. Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subirem na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monótono. Vejo as crianças abrirem as latas de linguiça e exclamar satisfeitas: - Hum! Tá gostosa! A Dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre.” (Jesus, 2014, p. 39).

A obra *Quarto de despejo* não nasceu de uma carreira literária planejada, nasceu sob a necessidade crua em mostrar a vida como ela é quando não se tem nada, nem pão, nem teto e nem dignidade. Foi escrito às margens da dor e da tristeza, seu grito ecoou por lugares imagináveis e o Brasil precisou encarar o espelho mais sujo. Carolina Maria de Jesus foi uma mulher sobrevivente, antes de ser lida fora descartada, assim como o lixo que catava para romper a dor da fome

de seus filhos.

De acordo com Barbosa e Silva (2022), é um engano achar que a realidade anunciada na obra de Carolina de Jesus *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* estará distante do que é vivenciado nos tempos atuais, a realidade aponta a face de informações sob a égide e o consumo da sociedade, de tal maneira sofrendo consequências e sofrimento. O descarte eminente visa as mercadorias despejadas em territórios distantes, reaproveitados por pessoas desnutridas, em constante sofrimento e expostas à extrema pobreza, sofrendo a desigualdade e a desqualificação aos seus direitos.

O nome de Carolina de Jesus ecoou por tanto tempo apenas nos barracos de das favelas, ganhando lugar e espaço entre os grandes literários brasileiros, sua ascensão não foi fruto de estratégias editoriais, nem apadrinhamento acadêmico. Carolina surgiu como as flores que nascem no asfalto, contra a todas as condições e mesmo assim em permanência. “As mensagens imortalizadas por Carolina eram escritas na forma gramatical informal, mas compreendida por muitos, pois a sociedade erudita da época, condenava essa forma, porém encantou a muitos, por várias partes do mundo” (Moreno, 2022, p. 48).

A autora não tinha vergonha de escrever, expor sua dor nas linhas daquele caderno velho que encontrou em meio ao lixo, buscava descobrir um novo mundo, cheio de esperanças e superação das marcas deixadas pela fome, reescrever a deixava viva, mesmo que o silêncio signifique uma mudança mútua. Em suas linhas se viam uma potência que jamais fosse vista na literatura oficial, linguagens marcadas pela oralidade, urgência e sinceridade, escancarando ao Brasil o que até então era escondido sob a superfície do progresso. Seu sucesso foi imediato, tornando-a pioneira e Best-seller negra da história brasileira, ganhando espaço na mídia, cruzando fronteiras imagináveis erguendo-se a elite mundial.

3.1 Biografia de Carolina Maria de Jesus

Catadora de papeis e recicláveis, poetisa e empregada doméstica, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras de literatura do país. Moradora da favela de Canindé localizada na cidade de São Paulo, com apenas 2 anos de estudo formal acaba por tornar-se autora do livro e Best-seller autobiográfico “*Quarto de despejo: Diário de uma favelada*”

Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) nasceu na cidade de Sacramento em Minas Gerais, numa pequena comunidade rural, neta de escravos e filha de

uma lavadeira analfabeta, cresceu em uma família de sete irmãos, filha ilegítima de um homem casado, sendo maltratada durante toda a sua infância. Aos 7 anos de idade começou a frequentar a escola, graças a senhora Maria Leite Monteiro de Barros, umas das freguesas de sua mãe que resolvera pagar seus estudos.

Carolina decidiu interromper o percurso no segundo ano, mesmo depois de ter aprendido a ler e a escrever, o gosto pela leitura havia se tornado primordial em sua vida. Com educação formal de apenas dois anos em 1923 a 1929 a família de lavradores migrou para a cidade de Lajedos/Minas Gerais.

Tempos depois, mudou-se para Sacramento com sua mãe, padrasto e seus irmãos menores para uma fazenda próxima a Uberaba, trabalhando arduamente por quatro anos, até serem expulsos das terras, a partir dessa caminhada deu se início aos trajetos e rotinas migratórias da família em busca de trabalho (Galvão, 2018).

Carolina e sua mãe, viviam andando por várias cidades do interior de São Paulo em busca de trabalho, até que após a morte de sua mãe, ela chega à capital do estado em 1937. Depois de estabelecer moradia, foi trabalhar como empregada doméstica, no qual deveria seguir regras como dormir no serviço, sem liberdade para sair à noite, aturar enjoos dos patrões, cuidar de crianças malcriadas, entre outros, mas, essa não era a vida que queria, pois ela sonhava em ter uma vida melhor (Moreno, 2022, p. 17).

Portanto, a biografia de Carolina Maria de Jesus, nos possibilita repensar as relações étnico - raciais e sociais no Brasil republicano, tanto em sua época, nos anos 50, período em que escreveu os diários, como também para pensar tais relações, atualmente (Azeredo, 2018, p.35). Entre os anos de 1955 e 1960, Carolina escreveu 20 diários que compõem essa obra. Apesar de ter sido considerada uma literatura marginal, a importância do trabalho de Carolina é cada vez mais reconhecida.

Seu livro mostra a dura realidade das favelas, da fome, do racismo e da invisibilidade da sociedade. A autora utiliza uma linguagem simples que caracteriza sua identidade social, fazendo uma crítica social por meio de seus relatos diários. Carolina chegou em São Paulo em 1947, sua rebeldia, porém natural fez com que ela não conseguisse se adaptar ao trabalho massivo como empregada doméstica. No ano seguinte, Carolina acaba engravidando de um português, sofrendo abandono. Ser mãe solteira em uma época em que não davam emprego tornavam as coisas bem mais complicadas para Carolina, acabando por morar na rua.

Foi por conta da primeira gravidez que Carolina parou de trabalhar como empregada doméstica em casas de família. Virou mãe solteira, pois foi abandonada pelo pai do seu filho, e por essa condição, Carolina era criticada pela vizinhança da Canindé. Ela enfatiza que não ligava para as

críticas, pois considerava essencial a paz em seu lar e por isso vivia só com os filhos, não queria que eles presenciassem as violências que ocorria tanto contra as mulheres, quanto contra as crianças na favela” (Bispo, 2019, p.15).

Foi então que chegou na favela de Canindé, Adhemar de Barros, governador paulista na época mandava recolher todos os mendigos viventes na rua de São Paulo e despejá-los num grande terreno à margem do rio Tietê. Construiu seu próprio barraco, onde nasceram seus três filhos, João José (1948), José Carlos (1950) e Vera Eunice (1953), cada um de seus filhos advindos de relacionamentos diferentes. “Seus filhos eram vistos como os melhores e mais educados em comparação com as outras crianças da favela. Por ser mãe solo de três filhos e por opção, muitas vezes, Carolina era criticada pelos vizinhos” (Bispo, 2019, p.18).

A dificuldade dos homens para entender sua necessidade literária era visível e constante, pois estava sempre em volta de livros e histórias, os lápis e os cadernos registravam as marcas, dores, fome e a pobreza. As mulheres nos anos 50 não podiam contestar seus direitos, não se enquadravam a ideologia e concepção criada para elas, não havia mais obrigatoriedade para casamentos arranjados por suas famílias, casamento, maternidade e dedicação faziam parte de um cotidiano árduo (Bispo, 2019).

A escritora faleceu no dia 13 de fevereiro no ano de 1977, aos 63 anos de idade, cansada, doente, asmática e esquecida pelo mercado editorial, morando no sítio de Palheiros. Seus livros publicados depois do grande sucesso de *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* não obtiveram tanto sucesso como deveriam. O descaso pela autora fez com que fosse preterida pelo cânone literário, mas a grande magnitude de seu trabalho ressurgiu nos últimos anos devolvendo - a o epíteto de grande escritora.

Nas próximas linhas, serão relatadas as facetas da pobreza e a tentativa para driblar as condições sub-humanas que a autora foi condicionada a viver e dificuldade para criar os filhos.

3.2 A pobreza desnuda em Quarto de Despejo

Segundo Bispo (2019), a autora vivia a catar papéis, papelão e metais pelas ruas da cidade de São Paulo, tudo que pudesse conseguir para vender ou trocar por mantimentos era válido. A favela era classificada como quarto de despejo da

cidade aos olhos da autora, mesmo vivendo aos arredores por muito tempo o sentimento de não pertencimento era visível, deixando em evidência a não adaptação ao lugar.

Ela não gostava de andar suja e fétida, sonhava em comprar boas roupas, sapatos e perfumes bons, porém as condições financeiras não permitiam tais desejos. Em várias passagens do diário, Carolina se queixava que saía sem comer nada e que passava mal, pois geralmente não tomava café, se fizesse isso seus filhos não teriam o que comer pela manhã. Mesmo assim ela saía, pois sabia que se não catasse papel não teria dinheiro para comprar os mantimentos que seus filhos necessitavam (Bispo, 2019, p.19).

Carolina reclamava com frequência do odor insuportável que se alastrava pela favela e do lixo que os habitantes da cidade dispensavam às margens do rio Tietê, as pessoas que chegavam lá para visitar (Bispo, 2019, p.15). Visitantes reclamavam do mal cheiro do lugar, essa favela fede a chiqueiro de porcos muitos diziam, comentários como esses deixavam Carolina de Jesus revoltada, muitos não ajudavam aos que residiam ali, o impacto deixado pelas marcas a realidade daquele lugar fazia a autora refletir sobre viver naquele lugar.

Uma mulher forte e determinada em mudar sua vida e de seus filhos, através dos seus relatos e escritos, enfrentando preconceito, adversidades, encarando obstáculos e a dura realidade para manter-se de pé e criar seus três filhos. (Nascimento, 2019). “Carolina relata somente o seu lado negativo, o Brasil se desenvolvia cinquenta anos em cinco, mas a favela continuava paralisada. Os relatos de Carolina comprovam que o governo não promoveu o desenvolvimento da nação” (Bispo, 2019, p. 22).

Diante os relatos e a ausência de vestimentas deixava claro as privações sociais, a falta de roupas adequadas vai além dos desafios relacionados a proteção do frio e as dificuldades na participação da vida social:

Nos relatos da Carolina, expostos anteriormente, se percebe a fome como cotidiana. Nessa perspectiva, a autora, em sua genialidade, denuncia a fome como um problema de ordem social, e não natural, que deve ser considerado, mediado e mitigado pela política. Além disso, é importante, para essa discussão, considerar que a fome é um fenômeno socioespacial que está atrelado à história da formação social e territorial brasileira. Denunciada por Carolina Maria de Jesus em 1960, e estudada por Josué de Castro na mesma época, a situação da fome no Brasil é também atual (Savian; Batista; Spode, 2024, p.198).

De acordo com Bispo (2019), Carolina de Jesus não economizava palavras ao tratar-se da fome e subsídios às dificuldades do dia a dia, relatos e denúncias manuscritas em seus diários ajudaram a visibilizar o que tanto era almejado por

ela. Aos olhos de Audálio Dantas suas histórias e relatos de vida voariam para bem longe dos esgotos e bueiros na marginal Tietê de Canindé. “Audálio então, resolveu indagar-lhe sobre o que significava as ameaças que ela fazia para aquelas pessoas, e Carolina foi direta na sua resposta: “o livro que estou escrevendo sobre as coisas da favela” (Galvão, 2018, p.26).

Conforme Meihy e Levine (1994), as legiões de pobreza se deslocavam para grandes capitais, na busca de trabalho para melhor condição de vida. Mas ao chegar na cidade grande, ao contrário do que se imaginavam, o desenvolvimento que era proposto pelos governantes não atendia as expectativas exigidas para garantia de emprego, “e em outros casos, em que conseguiam um emprego, este não lhes fornecia condições para angariar o básico para uma vida digna. Sendo assim, não

encontravam nem desenvolvimento” (Mallmann, 2018, p.32).

Somente ela foi capaz de, em tal período, descrever as mazelas do pobre, sem curvar-se a um partido político, ou qualquer outra denominação que poderia lhe por rédeas na escrita (Mallmann, 2018, p. 30). Em casos que conseguiam emprego não eram fornecidas possíveis condições para uma vida digna. não conseguiam encontrar desenvolvimento, deparando-se com a miséria, fome e mais pobreza, formando favelas com as migrações de uma população pobre do campo para as cidades.

4. CAROLINA MARIA DE JESUS: DE MULHER FAVELADA A AUTORA

De mulher favelada à autora, esse termo expressa a superação de barreiras sociais e raciais, demarcando as expressões artísticas de Carolina Maria de Jesus por meio da literatura marginalizada, transformando sua obra em uma poderosa ferramenta de denúncia social. Seu livro demarca um importante referencial para estudos raciais, culturais e sociais, com ênfase na literatura periférica, Carolina fora considerada uma das autoras negras mais importantes na história, desafiando o machismo, a vulnerabilidade de mulheres em uma sociedade totalmente desigual e a exploração sofrida por ela, em confronto a sua experiência pessoal aos desafios enfrentados como mãe solteira.

Segundo Pacheco e Camargo (2019), Carolina Maria de Jesus acaba que por se relacionar com outros homens no decorrer de sua vida, apesar da fome, a miséria e as dificuldades, chegando a se apaixonar por um cigano, devido à situação delicada que a autora vivia com seus três filhos o mesmo dá por